

DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DO ENTRELACE ENSINAR-APRENDER

Jackeline da Silva Gomes; Emily Patrícia dos Santos Barbosa; Daniele da Silva Dias; Ana Cristina Givigi; Jacqueline Ramos Machado Braga

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – jackufrb131@gmail.com

RESUMO

No âmbito da educação escolar, o tema “Gênero e Sexualidade” ainda é tratado exclusivamente no campo biológico. Entretanto, existe uma real tensão entre esta e uma concepção mais ampla, contextualizada e historicizada. O presente trabalho tem por finalidade relatar as vivências desenvolvidas por bolsistas PIBID Biologia da UFRB sobre o tema “Gênero e Sexualidade”, numa turma de 3º ano do Ensino Médio de um colégio Estadual do município de Cruz das Almas - BA. A atividade foi dividida em dois momentos: a caixa “Rapidinhas: o que você deseja saber sobre sexualidade?”, e a vivência com balões contendo objetos (preservativos, anticoncepcionais, etc..) para estimular a discussão e sanar as dúvidas sobre o tema. Os dados foram coletados por etnografia e depoimentos em áudio. Ao final do trabalho, apesar de ainda emergirem posturas machistas, o grupo reconheceu a importância de atividades que fomentem a discussão no ambiente escolar sobre o tema proposto, buscando o reconhecimento das diferenças e reduzindo a discriminação e o sexismo. Assim, ampliam-se as possibilidades de trabalhar o tema, haja vista a dinâmica utilizada buscar estimular a reflexão por quem ensinou e por quem aprendeu, evitando a abordagem biológica *per se*, ainda presente nas salas de aula e livros didáticos. Reforçamos a urgência de atividades de educação permanente e da transformação destas temáticas atuais em conteúdo pedagógico.

Palavras-chave: Sexo, Corpo, Ensino Médio, PIBID.

INTRODUÇÃO

É em uma busca por contrapor ao/s conceito/os e compreensões de corpo, e tudo que lhe atravessa e que, portanto, o constitui como algo determinado pela natureza (em contraposição com a cultura), que escrevemos este trabalho. Ao tratarmos da compreensão do que configura os corpos, vislumbra-se que o indivíduo não possui um corpo enquanto “substância” e sua relação com a sociedade, mas este corpo deve estar sim imbrincado nas práticas culturais experimentadas (SOUZA et al., 2007). Desta forma, o corpo não seria uma substância ex ante de sua própria historicidade. Os

processos que o constituem são complexos, envolvem sua anatomia e fisiologia, não sendo passíveis de serem reconhecidos fora da cultura. Neste contexto, o corpo é também produzido por uma sexualidade política e historicamente desenvolvida.

O tema sexualidade na escola foi incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1996, pelo Ministério da Educação e Cultura. Entretanto, para muitos docentes a discussão sobre este tema requer habilidades que envolvem senso comum, valores e visão de mundo, o que dificultaria esta abordagem (COSTA E SILVA et al, 2016). Falar sobre sexualidade em nosso contexto cultural não é uma tarefa muito fácil. Normalmente acaba-se falando em ato sexual, funções do corpo humano, métodos contraceptivos, dentre outros, já que a reprodução e seu contexto cultural, político e religioso é um código importante para se compreender as limitações desta discussão. No âmbito da educação escolar, é justamente esse caráter que orienta tais discussões acerca da sexualidade, e quando existentes, se baseiam única e exclusivamente no campo biológico da temática. Entretanto, a discussão em torno do currículo entende a sexualidade para esta ênfase, mesmo sendo os escritos paradoxais e vacilantes no que diz respeito às regulações. Os PCNs ainda privilegiam uma posição biologizante, mas mostram a tensão entre esta e uma concepção mais ampla e historicizada da sexualidade.

Atualmente já se tem consolidada uma compreensão de que a escola não seja apenas um espaço que transmite/constrói conhecimento, mas assim o faz reproduzindo os padrões sociais, perpetuando concepção e valores instituídos socialmente, produzindo sujeitos, seus corpos e identidades (JUNQUEIRA, 2009). Desta maneira, a escola se apropria do discurso científico da Biologia que postula a “naturalidade” para perpetuar este silenciamento no que diz respeito às construções de gênero e sexualidades. Contudo, as pesquisas têm apontado a historicidade discursiva da biologia, anatomia e fisiologia, evidenciando seu caráter político e de resposta às demandas sociais.

Laquer (2001) destaca como a Biologia foi necessária para demarcar a diferença e especificidade do corpo feminino, uma vez que sua representação estava ligada ao masculino até o século XVIII. A ciência postulava que os órgãos femininos eram contidos no masculino sendo

desenvolvidos em menor grau, embutidos neste. Inclusive politicamente, isso justificou a inferioridade das mulheres e modificou a sua condição social depois de terem tido certo prestígio e liberdade anteriormente. Contudo, isto mostra como a discursividade da Biologia estava politicamente ligada às demandas sociais, desnudando seu caráter ‘natural’.

Contrapondo a essa abordagem essencialista e determinista, buscamos neste trabalho discutir e refletir sobre a sexualidade em outra perspectiva, na qual ela é produzida nos acontecimentos históricos e culturais experienciados por cada sujeito, pois tais acontecimentos inserem nos corpos comportamentos, linguagens, representações, crenças e identidades. O presente trabalho apresenta uma experiência, realizada por bolsistas PIBID (Programa Instituição de Bolsas de Iniciação a Docência), subprojeto Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, de faixa etária entre 17 e 19 anos de uma escola pública do município de Cruz das Almas- BA, através do desenvolvimento de uma atividade voltada para a temática “Gênero e Sexualidade”.

METODOLOGIA

No primeiro momento da atividade, foi deixada uma caixa nas salas de aula denominada “Rapadinhas: o que você deseja saber sobre sexualidade?”, na qual seriam depositadas as curiosidades e questionamentos dos estudantes sobre este tema. Estabeleceu-se um período médio de sete dias para o depósito dos questionamentos de maneira anônima. Os questionamentos coletados ao final da primeira etapa foram analisados, embasados na literatura científica produzida nas diversas áreas do conhecimento. Assim, as perguntas foram discutidas e respondidas inicialmente entre os bolsistas PIBID Biologia, buscando-se nortear a atividade que seria realizada com a turma em momento posterior.

Na segunda etapa, realizou-se uma vivência aonde a turma foi organizada em um círculo de discussão e, através das informações anteriores, buscamos coletar opiniões, experiências e ideias do grupo. Todas as percepções foram anotadas em um diário de campo de forma discreta, evitando-se

assim constrangimentos ou manifestações artificiais que pudessem inibir as expressões espontâneas e, conseqüentemente, comprometer a veracidade dos dados da pesquisa.

Outra estratégia utilizada foi a dinâmica com balões contendo objetos variados (preservativos femininos e masculinos, além de contraceptivos). Este momento buscou favorecer o posicionamento crítico e reflexivo dos discentes após as abordagens realizadas, bem como expor os objetos selecionados, contrapondo com as dúvidas e curiosidades. Desta forma, a coleta dos dados ocorreu por etnografia através de observações participantes, anotações e depoimentos autorizados gravados em áudio. Buscando a confidencialidade, usamos números e as letras F e M para designar as falas de estudantes do sexo feminino e masculino, respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletadas 22 perguntas da caixa colocada na sala. Para as respostas dessas questões foi preciso aprofundarmos o conhecimento acerca dos temas que permeavam os questionamentos dos estudantes, contextualizando o ensinar-aprender como ferramenta metodológica de pesquisa que aproxima o pesquisado do pesquisador no tratamento da temática proposta. Foi necessário pensarmos no conceito de sexualidade, que para Foucault (1988) é um “dispositivo histórico”, ou seja, constitui-se num arranjo político para entender a discursividade de uma época histórica e as nomeações do corpo e suas classificações nos jogos de poder. Assim, conversamos sobre identidade de gênero, orientação afetiva sexual e sexo biológico, conceitos que permearam o nosso diálogo, e que poderiam esclarecer discursos que circulam na escola quando o dispositivo “falar sobre sexo” é acionado.

Com relação à importância da atividade desenvolvida, as falas dos estudantes foram muito positivas, valorando a iniciativa do PIBID Biologia da UFRB na abertura deste espaço de discussão no chão da escola:

Estudante 2 F: *"Foi bom e a gente fez perguntas que muitas vezes em casa ou com alguma pessoa a gente não tem coragem de fazer. "*

Estudante 14 M: *"Pra mim foi simplesmente essencial, porque foi uma coisa assim que não é abordada no colégio abertamente, e foi uma coisa que tirou a dúvida de muita gente que não sabia*

nem como usar uma camisinha, nem da maioria das doenças, nem nada de gênero assim, resumindo, foi essencial. "

Estudante 16 F: *"Foi libertador porque tem coisas em casa que a gente aprende diferente e quando a gente chegou aqui que vê realmente o que é. Até mesmo a sexualidade e o termo de gênero, essas coisas, aprender a respeitar que cada um tem sua escolha... "*

Apesar da unanimidade dos estudantes reconhecerem que a escola é um espaço que deveria ser aproveitado para fazer estas discussões, nas falas de alguns se pode observar que esta temática ainda é pouco abordada:

Estudante 7 F: *"Não, os livros fingem que abordam, mas não abordam, é superficial!"*

Estudante 8 F: *"Eu sempre ficava esperando o assunto, ai pulavam... Pulavam o capítulo. "*

Nas práticas escolares cotidianas, nos programas de educação sexual, e nos materiais pedagógicos tem sido priorizado o discurso biológico, se não, sendo o único a ter ocupado este espaço. Podemos dizer que este conhecimento é acionado depois de a sexualidade ser sempre classificada como 'problema' escolar ligado à gravidez indesejada, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), etc. Até mesmo no tema transversal "Orientação Sexual" proposto no PCN, a sexualidade está prioritariamente relacionada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das IST (RIBEIRO, 2007). O que está evidenciado na justificativa de implantação dos PCN:

A partir de meados dos anos 80, a demanda por Orientação Sexual nas escolas se intensificou devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da Aids) entre os jovens (PCN, 1997, p.291).

No que concerne à importância da atividade desenvolvida, para os esclarecimentos de dúvidas sobre as ISTs, os estudantes foram unânimes em suas falas:

Estudante 10M: *"Foi importante sabe por que professora? Porque tem pessoa mesmo que tem vergonha de falar pros pais, até pros amigos mesmo. Ai viu outras pessoas que tem dúvida*

sobre aquilo similar, e começou a se abrir. "

Estudante 11F: *"Foi importante porque também a pessoa pode ter risco da doença e não sabe."*

Estudante 12 F: *"... porque... assim...você fala com a colega e a colega já sabe de outra forma e ensina a você de outra forma, ai você acaba correndo risco..."*

Entendendo a sexualidade enquanto uma construção social, histórica e cultural, problematizamos aquela concebida como “natural” e inerente ao ser humano, concepção esta baseada na suposição/afirmação de que vivemos nossos corpos universalmente da mesma forma (LOURO, 2000). A discussão com os estudantes da escola embasou-se na importância do conhecimento do seu próprio corpo, e do corpo do outro/a para além desta abordagem anatômica e fisiológica dos corpos, com vistas a produzir uma interpretação não biologizante do tema. Isso requereu também uma posição diferenciada em relação ao gênero e sexualidade, e a compreensão do funcionamento biológico como discurso sobre o corpo. Este deslocamento nos exigiu ainda o repensar a sexualidade e sua automática ligação com a reprodução, o que nos levou a rever a abordagem sobre contraceptivos, direitos reprodutivos, etc. Durante o diálogo com o grupo estudado, surgiram questões sociais que transpõem esses sujeitos-corpos, emergindo imposições sociais acerca de suas práticas e comportamentos:

Estudante 10 M: *"... até algumas amigas dizem para outras não se masturbarem."*

Estudante 7 F: *"Na nossa família querem que a gente siga a vida da mesma forma que eles fizeram... cria, estuda e casa."*

Também pudemos detectar ainda sexismo na fala de um estudante sobre as relações heterossexuais efêmeras, aonde se reproduziu uma lógica em que apenas o sujeito-corpo masculino dispõe do direito do prazer pelo prazer:

Estudante 11 M: *"Mas tem algumas mulheres que só querem sexo."*

Como sugere Louro (2008), as diversas formas de fazer-se mulher ou homem, os diversos modos de viver prazeres e desejos corporais são sempre engendrados, propostos, anunciados e

promovidos socialmente. Tais modos são estabelecidos por um conjunto de instâncias sociais e culturais, seja a família, escola, igreja, dentre outras. A exemplo da própria história do Magistério e da Pedagogia no Brasil, quando se retirou das salas de aula professores homens para inseri-los nos postos de trabalho criados no início do século XX, o Magistério foi então associado ao cuidado com as crianças, feminilizando e desvalorizando a profissão. Assim, quando generalizações estereotipadas são repetidas nestes ambientes, reafirmam-se normas de gênero restritivas e desiguais (LINS et al, 2016).

CONCLUSÃO

Tal experiência nos fez melhor visualizar o quanto há de tensão na realidade escolar quando acionamos o dispositivo “sexualidade”, e o quanto ainda é desafiador o fazer docência, pois estamos em constantes diálogos com os valores sociais no processo contínuo de estar e fazer construções e desconstruções. Esta demanda sobre os saberes da sexualidade chega ao ensino de Ciências com todo o vigor, sendo preciso entender como a Biologia ocupa lugar privilegiado nesta relação, e o quanto esse espaço tem a capacidade de tornar mais complexa tal discussão. É também deste lugar de estudantes de Biologia que percebemos a necessidade de compreender a ciência como resultante de relações de poder, de onde a Biologia não se exclui.

Todas as atividades propostas neste estudo foram exitosas e buscaram considerar a compreensão social e histórica do tema “Gênero e Sexualidade”, os valores dos participantes e a concepção individual de mundo dentro e fora do ambiente escolar, para que esta aproximação os torne sujeitos ativos de uma aprendizagem contextualizada. Assim, ampliam-se as possibilidades de trabalhar o tema, haja vista a dinâmica utilizada buscar estimular a reflexão, tanto por quem ensinou, quanto por quem aprendeu, abordando o assunto não apenas com o prisma meramente biológico, ainda persistente nas salas de aula e livros didáticos. Numa sociedade onde gênero e sexualidade podem configurar-se como instrumentos de preconceito, reforçamos a urgência de atividades de educação permanente e da transformação destas temáticas atuais em conteúdo pedagógico.

REFERÊNCIAS

- COSTA E SILVA, S. P.; BARBOSA, A. P. P.; ARAÚJO, C. S.; DA SILVA, T. I. M.; SANTANA, R. N. Discutindo sexualidade /IST no contexto escolar: práticas de professores de escolas públicas. Rev Enferm UFPE on line., Recife, v.10 (Supl. 5), p. 4295-303, 2016.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: 13ª ed., Graal, 1988.
- LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. Schwarcz - Companhia das Letras, 2016.
- LOURO, G.L. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- RIBEIRO, P. R. C. A sexualidade e o discurso biológico. Rio Grande: FURG, 2007.
- SOUZA, N. G. S.; ARNT, A. M.; RABUSKE, A. S. A fabricação do corpo: efeitos da disciplinarização dos saberes e do corpo nas práticas escolares. Gênero, v. 7, n. 2, p. 117-136, 2007.

